

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriela Varoto Mendes Goulart

A MAIS-VALIA IDEOLÓGICA: O CULTO DO EXISTENTE NA TERRA DO MAIS-SOFRIMENTO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva Peixoto

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Gabriela Varoto Mendes Goulart, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573117A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Mais-Valia Ideológica: O Culto do Existente na Terra do Mais-Sufrimento, desenvolvido durante o período de Março 2023 a Julho 2023 sob a orientação de Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva Peixoto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 18 de julho de 2023

Gabriela Varoto Mendes Goulart

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A MAIS-VALIA IDEOLÓGICA: O CULTO DO EXISTENTE¹ NA TERRA DO MAIS-SOFRIMENTO

Gabriela Varoto Mendes Goulart²

RESUMO

Esse artigo busca analisar a fetichização da realidade no capitalismo tardio a partir de uma leitura marxista e psicanalítica. Por via de uma revisão bibliográfica de alguns textos selecionados da Escola de Frankfurt junto a “Como Marx Inventou o Sintoma” de Zizek e “A Mais-Valia Ideológica” de Ludovico Silva, nosso objetivo é conceituar a indústria cultural, a cultura afirmativa e a propaganda fascista como formas de psicanálise ao contrário ou ideologias de obscuração e recalçamento das nossas relações sociais de produção baseadas em dominação e servidão.

PALAVRAS-CHAVE: Mais-valia ideológica. Forma-mercadoria. Sintoma. Psicanálise ao contrário. Propaganda Fascista

INTRODUÇÃO: A FORMA MERCADORIA

Esse artigo busca analisar a fetichização da realidade no capitalismo tardio a partir de uma leitura marxista e psicanalítica, ou, em outras palavras, trata-se a história dos seres humanos transformados em autômatos da forma mercadoria, feitos marionetes de cordas de sua própria fabricação em um mundo onde não se enxergam.

Colocaremos enfoque no conceito de mais-valia ideológica³ do Ludovico Silva que, em suma, se refere ao trabalho ou o dispêndio psíquico que compulsoriamente executamos para consolidar e defender esse sistema de produção social que nos esquarteja psicologicamente, mas a partir do qual nossas subjetividades são formadas. Essencialmente, é o que dá estrutura⁴ à apresentação desse modo de existência tão abstrato e simbólico como algo natural, normal, orgânico, eterno e total (imagine formas-mercadoria correndo livres pelos pastos do mercado mundial). O projeto máximo da ideologia é o da naturalização. Um mundo natural é um mundo místico. Um que não permite mapeamento cognitivo. *As coisas são como são como aparentam ser. A “base de sustentação ideológica do capitalismo imperialista se encontra na forma pre-consciente. Os restos mnêmicos que compõe esse pre-consciente se formam no contato diário e permanente com percepções acústicas e visuais oferecidas pelos meios de comunicação”*. (SILVA, 2013, p. 169)

A tese principal é que a cultura afirmativa⁵, a indústria cultural e a propaganda fascista são todas formas de “psicanálise ao contrário”, fazendo alusão à indústria privada de formação de subjetividades no capitalismo tardio. A indústria social é a mais-valia ideológica reificada, que pode ser resumida como a colonização sistemática do *princípio da realidade*, uma categoria *biopsicohistoricosocial* e, portanto, constitutiva do ser social,

¹ Adorno em seu texto “Antissemitismo e propaganda fascista” define ‘culto do existente’ como a “identificação com o status quo (...) fetichizar a realidade e as relações de poder estabelecidas”. (ADORNO, 2015, p. 149)

² Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: deexdash@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva Peixoto.

³ “A indústria ideológica explora o homem naquilo que é especificamente seu: a consciência. E explora colocando sob essa consciência uma ideologia que não é a desse homem, mas a do capitalismo, e que, por isso, produz uma alienação (ideológica). A mais-valia ideológica é, assim, dada pelo grau de adesão inconsciente de cada homem ao capitalismo. Esse grau de adesão é realmente um excedente de seu trabalho espiritual: é uma porção de seu trabalho espiritual que deixa de lhe pertencer e que passa a engrossar o capital ideológico do capitalismo, cuja finalidade não é outra que preservar as relações de produção materiais que originam o capital material. A mais-valia ideológica, originalmente produzida e dialeticamente determinada pelo mais-valia material, se converte não apenas em sua experiência ideal, mas também em sua guardiã e protetora desde o próprio interior de cada homem.” (SILVA, 2013, p.188)

⁴ “Pois, para Marx, dizer “superestrutura” não é denotar um ‘nível’ que esteja ‘por cima’ da estrutura social, pelo contrário: a superestrutura não é senão uma continuação interma da estrutura social”. (SILVA, 2013, p.146)

⁵ Em termos breves, Marcuse classifica a cultura afirmativa como a cultura da época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento, chegou a segregar a ideia de civilização da de cultura [do mundo espiritual]. Ao ser arrancada de sua base histórica-social, a cultura é considerada como um valor em si, que é ao mesmo tempo superior à civilização.

dentro do qual o próprio sistema se justifica.⁶ A libido e a psiquê são tomadas como oficinas de reprodução de um sistema de produção social baseado na dominação e exploração. A fantasia social é imposta e global: não é opção não crer no dinheiro ou na propriedade privada, pois os meios de produção e repressão já foram estabelecidos globalmente. Todos nossos esforços se resumem na perpetuação das relações de produção: os hábitos e crenças são impostos desde cedo pela ordem simbólica -- como a única via de existência do "Eu" e pelas instituições e regimento da escola e do trabalho alienado -- como as únicas vias de sobrevivência.

Freud frisa a "importância do trabalho para a economia libidinal" na Conferência XX: A Vida Sexual dos Seres Humanos (1916/17):

"a sociedade deve assumir como uma de suas mais importantes tarefas educadoras domar e restringir o instinto sexual (libido) quando este irrompe como impulso de reprodução, e sujeitá-lo a uma vontade individual que é idêntica à ordem da sociedade. (...) De outro modo, o instinto romperia todos os diques e arrasaria todo o trabalho da civilização laboriosamente construído. (...) O móvel da sociedade humana é, em última análise, econômico; como não possui provisões suficientes para manter vivos todos os seus membros, a menos que trabalhem, ela deve limitar o número de seus membros e desviar suas energias da atividade sexual para o trabalho." (FREUD, 1996b, p. 317)."

E também em uma nota de rodapé em Mal-Estar na Civilização (1930):

"[...] importância do trabalho para a economia libidinal. Nenhuma outra técnica para condução da vida prende a pessoa tão firmemente a realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de uma maneira segura numa porção da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligado uma forte medida dos componentes libidinais -- narcísicos, agressivos, e mesmo eróticos -- empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade. A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis através da sublimação, pendoros existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados.(...) A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade e graves problemas sociais derivam dessa aversão humana pelo trabalho." (FREUD, 2011, p.24)

Nas duas citações acima Freud resume o processo civilizatório que ocorre dentro do corpo de toda criança. Trata-se de um processo repressivo caracterizado pela dessexualização ou a passagem de um corpo totalmente erótico à hierarquização das zonas erógenas até a centralização da sexualidade nas genitais para a reprodução. Abaixo segue os três estágios da civilização que Freud assinala em seu texto de 1908 "Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna":

- (1) livre movimentação da libido sem metas de reprodução;
- (2) tudo do instinto sexual é suprimido exceto quando serve ao objetivo da reprodução;
- (3) só a reprodução legítima é admitida como meta sexual - moral sexual civilizada.

O processo civilizatório é um processo repressivo que molda a libido do ser humano para a reprodução de um sistema social de produção. O mal-estar é o preço a pagar pelo avanço da técnica e da cultura: a produção de certas seguranças ou defesas contra aquilo que nos aflige com sofrer: (1) "a prepotência da natureza", (2) "a fragilidade de nosso corpo", e (3) "a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade." (FREUD, 2011, p.30)

⁶ "Como está constituído e como se deve chamar, no capitalismo atual, a *expressão ideológica* da produção material da mais-valia? Sendo essa nada menos que a diferença *específica* da produção capitalista, não precisa ter sua justificação dentro do sistema? Como procede, concretamente, o capitalismo para justificar-se nas mentes dos homens? Com argumentos racionais, ou mediante pressões dirigidas a camadas mentais não conscientes, terreno abonado para *criar a ilusão de ser o homem quem justifica o sistema, e não o sistema que justifica a si mesmo dentro do homem?* O que e como ocorre na mente dos homens quando verdadeiramente interiorizam a crença, *especificamente ideológica*, de que o homem é um mercado de mercadorias, ou, parodiando Hobbes, do *homo homini mercator?*" (SILVA, 2013, p.152)

Todo documento de cultura é documento de barbárie não é apenas tese Benjaminiana, mas Freudiana também. Todo documento de cultura é um registro de sofrimento ou da repressão e dominação do homem sobre a natureza e sobre o homem. Esse bicho estranho cujo diferencial no reino animal é seu desamparo e dependência. Um ser que nasce ameba incapaz de motricidade ou de controle do seu próprio corpo dependente de leite e de colo. Quanta pretensão à Razão, individualidade e liberdade de escolha desse bicho determinado “pela fome de amor e medo do desamparo”. Em suma, para o infante humano ser desejado é uma questão de sobrevivência, para o animal humano *kultur* é meio, a cultura é a civilização que são os modos e meios de produção e reprodução da espécie. Mas o preço a se pagar é a dor, a dominação, a violência, a repressão.

Marx em O Capital busca trazer à consciência relações de produção que o trabalhador sente no corpo, mas que não consegue elaborar, pois desconheça da estrutura e sua não-liberdade é sistematicamente recalçada.

Como aponta Ludovico Silva, Marx encara “a ideologia como uma *formação social*, isto é, como algo que ocupa um lugar específico na sociedade e se determina pela estrutura material dessa sociedade.” (SILVA, 2013, p. 146) Dessa forma, ideologia não é uma “falsa consciência” de um ser social, “mas esse próprio ser, na medida em que ele é sustentado pela “falsa consciência”. (ZIZEK, 1996, p.306) Ou: “A consciência é falsa na medida em que acredita autodeterminar-se—‘a consciência é sempre algo determinado por outra coisa’”. (SILVA, 2013, p. 167) Sistematicamente represamos a consciência fundamental de nosso modo de produção enquanto fator determinante de nossa organização social, produção cultural e da formação das subjetividades. A ideologia não é esta ou aquela, é a própria **naturalização do mercado e da forma fetichista**⁷: a redução da sociedade humana a um grande mercado de mercadorias, a redução de homosapiens à homomercadoria (homolaborious / homomercator). (SILVA, 2013, p. 179 e 203)

Se chega no mundo *post-festum*, um mundo já acabado e é-se interpolado pela linguagem, pela ordem simbólica (o já decidido de ante-mão, o já negociado em Outra Cena⁸). O ato de nascimento é a premissa da angústia: um corpo de todo prazer, um ser de sistema nervoso se choca com a realidade. É a primeira castração, o real corte da separação física com a mãe. Não há necessidade de Eu quando o sujeito, o objeto e o meio é tudo sopa, tudo mãe. Nascemos necessitados. A angústia precede o Eu.

“Acreditamos que se trata do ato do nascimento, no qual se dá aquele agrupamento de sensações de desprazer, impulsos de descarga e sensações corporais que se tornou para nos modelo do efeito gerado por um perigo de vida e que, desde então, repetimos sob a forma de angústia”. (FREUD, 2014, p. 524).

Com o primeiro corte, inicia-se a dança dialética do corpo de todo prazer com o *princípio de realidade*, com a fronteira, com a barreira, com a impossibilidade: com o *não* e o *não agora, não desse jeito*, com os limites invisíveis, visíveis, imaginários e mais reais que o Real. O Eu é uma parte do Isso que se diferenciou pelo sistema perceptivo consciente. Como enfatiza Marcuse,

“o princípio de realidade ampara o organismo no mundo externo. No caso do organismo humano, é o mundo histórico. O mundo externo que o ego em evolução defronta é, em qualquer estágio, uma organização histórico-social específica da realidade, a qual afeta a estrutura mental por meio de certas agências ou agentes sociais específicos (...) Uma organização repressiva das pulsões é subjacente a

⁷ Entendemos aqui fetichismo como “desconhecimento da relação entre uma rede estruturada e um de seus elementos. Aquilo que é realmente um efeito estruturado, um efeito da rede de relações entre os elementos, aparece como uma propriedade imediata de um de seus elementos, como se essa propriedade também lhe pertencesse fora de sua relação com outros elementos”. (ZIZEK, 1996, p. 308)

⁸ Zizek define “a Outra Cena” ao introduzir a noção de ‘abstração real’ de Sohn-Rethel, “se examinarmos de perto o status ontológico do que Sohn-Rethel chama de ‘abstração real’ [*das reale Abstraktion*] (isto é, o ato de abstração que opera no próprio processo *efetivo* da troca de mercadorias), verificaremos ser impressionante a homologia entre seu *status* e do inconsciente, dessa cadeia significativa que persiste numa “Outra Cena”: a “*abstração real*” é o *inconsciente do sujeito transcendental*, o suporte do conhecimento científico objetivo-universal”. (ZIZEK, 1996, p. 303) “Esta concepção é estrutural (...) pois nela o determinante fundamental é a estrutura. Do mesmo modo, a concepção de Marx é estrutural, porque nela o determinante fundamental é a estrutura social. (...) A sociedade é uma *estrutura significativa* (para usar a feliz expressão de Lukács), e essa estrutura é fundamentalmente econômica, pois seu constituinte básico são as relações de produção que ocorrem entre os homens. Ela determina o *valor* e conteúdo social da consciência dos homens”. (SILVA, 2013, p.155)

todas as formas históricas do princípio de realidade na civilização” (MARCUSE, 1981, p. 50).

Marcuse lê Freud como um pensador crítico. Em “Eros e Civilização” ele destaca o teor sociológico da obra de Freud, e como podemos encontrar em sua própria teoria razões para rejeitarmos a identificação da civilização com a repressão. Marcuse tem por horizonte, uma sociedade erotizada, onde a noção de progresso (não limitada ao progresso quantitativo ou técnico) deixa de ser uma mediação para o domínio do ser humano pelo próprio ser humano e passe a ser algo que possibilite a emancipação humana (progresso qualitativo). (MARCUSE, 2001, p. 113-114 e 132-133). Ele tem como ponto crítico a noção da efetivação da liberdade e felicidade, pois para o mesmo, esta se encontra deformada pelo caráter contraditório do *princípio de desempenho*, uma organização histórica específica do *princípio de realidade*. O crescente conhecimento oriundo do progresso técnico na civilização ocidental está vinculado a uma igualmente intensificada ausência de liberdade e mais-repressão – conceito que Marcuse define como “as restrições requeridas pela dominação social que se distingue da repressão (básica): as modificações dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização” (MARCUSE, 1981, p.51).

A cultura coage tanto a existência social quanto a biológica, moldando a própria estrutura libidinal do homem, e voltando a mesma para uma utilidade social, desviando, assim, as energias da atividade sexual para o trabalho alienado. Essa coação é apresentada como a própria pre-condição do progresso. A produtividade aparece como algo fantasmagórico, seu fim é sua própria realização, assim, a produção dos valores de uso não se revertem para realização humana, qualitativa, mas para a realização de um sistema social que aparece como objetivo, onde a produção tem um fim em si mesma, consolidando a dialética da dominação. Podemos falar aqui de um “*círculo vicioso do progresso*”. (MARCUSE, 2001, p. 127) Marcuse aponta que “precisaríamos saber de que modo a riqueza social é repartida e a serviço de quem são empregados os crescentes conhecimentos e capacidades dos seres humanos”. (MARCUSE, 2001, p. 114)

Marcuse mostra como a produtividade é um aspecto inseparável da noção de progresso qualitativo, pois só a mesma permite o desenvolvimento técnico que possibilita um distanciamento do ser social em relação às “determinações” naturais. O capitalismo como um sistema social de produção permitiu o domínio da natureza através da técnica.

“A ‘confiança inabalável na possibilidade de dominar o mundo’ que Freud anacronicamente atribui à magia, só vem corresponder a uma dominação realista do mundo graças a uma ciência mais astuciosa que a magia. Para substituir as práticas localizadas do curandeiro pela técnica industrial universal foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos, como ocorre no ego ajustado à realidade.” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p.15).

1. O SINTOMA SOCIAL

Em “Como Marx Inventou o Sintoma” Zizek se concerne com as “condições (epistemológicas) de possibilidade” da afirmação de Lacan que foi Marx quem inventou a noção de sintoma. Ele pergunta: “como foi possível que Marx, em sua análise do mundo de mercadorias, produziu uma noção que também se aplica à análise dos sonhos, dos fenômenos histéricos e assim diante?” (ZIZEK, 1996, p. 297) Ele responde dizendo que:

“há uma homologia fundamental entre os métodos interpretativos de Marx e Freud – mais precisamente, entre suas respectivas análises da mercadoria e do sonho. Em ambos os casos, a questão é evitar o fascínio propriamente fetichista do “conteúdo” supostamente oculto por trás da forma”.(ZIZEK, 1996, p. 297).

Zizek segue dizendo que devemos centrar nossa atenção nessa forma mesmo, ou seja, no trabalho do sonho que os “pensamentos oníricos latentes” foram submetidos, ou “por que os pensamentos do sonho assumiram essa forma, por que foram transpostos para a forma de um sonho?” (ZIZEK, 1996, p. 297). O mesmo procede com a análise da mercadoria de Marx, a economia clássica burguesa já descobriu o cerne oculto da mercadoria: o tempo de trabalho ou do trabalho como a verdadeira fonte da riqueza, a questão é “explicar por que o trabalho assumiu a forma do valor de uma mercadoria, por que ele só consegue afirmar seu caráter social na forma-mercadoria de seu produto?” (ZIZEK, 1996, p. 297)

“Como podemos, então, definir o sintoma marxista?” pergunta e responde Zizek, “Marx ‘inventou o sintoma’ mediante a identificação de uma certa fissura, de uma assimetria, de um certo desequilíbrio ‘patológico’ que desmente o universalismo dos ‘direitos e deveres’ burgueses”. (ZIZEK, 1996, p.306) Em seu texto de 1926 “Inibição, Sintoma e Angústia” Freud define o sintoma como:

“indício e substituto de uma satisfação instintual que não aconteceu, é consequência do processo de repressão. Esta procede do Eu, que — por solicitação do Super-eu, eventualmente — não deseja colaborar num investimento instintual despertado no Id. Através da repressão, o Eu obtém que a ideia portadora do impulso desagradável seja mantida fora da consciência. A análise demonstra, com frequência, que a ideia foi conservada como formação inconsciente.” (FREUD, 2014, p.14)

O sintoma é a zona de exceção, a contradição dentro da universalidade, a fissura que escapa a pretensão de totalidade do Eu (chamamos de ego a “organização coerente de processos mentais” em cada indivíduo), ou seja, o sintoma “é o elemento particular que subverte seu próprio fundamento universal, uma espécie que subverte seu gênero”. (ZIZEK, 1996, p.306)

“Por isso, é preciso buscar a descoberta do sintoma na maneira como Marx concebeu a passagem do feudalismo para o capitalismo. Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação e servidão são recalçadas: formalmente, parecemos estar lidando apenas com sujeitos livres, cujas relações interpessoais estão isentas de qualquer fetichismo; a verdade recalçada – a da persistência da dominação e da servidão – emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica de igualdade, liberdade e assim por diante. Esse sintoma, o ponto de emergência da verdade sobre as relações sociais, são precisamente ‘relações sociais entre as coisas’: ‘Em vez de aparecer em quaisquer circunstâncias como suas próprias relações mútuas, as relações sociais entre os indivíduos disfarçam-se sob as forma de relações entre as coisas’ – aí temos uma definição precisa do sintoma histérico, da ‘histeria de conversão’ que é própria do capitalismo.” (ZIZEK, 1996, p. 310)

2. A PROPAGANDA FASCISTA

O homem dominou a natureza e domesticou a terra e a si mesmo. Com o avanço da técnica e da medicina moderna e do saneamento básico a maioria das mortes são evitáveis ou adiáveis. A civilização aconteceu em toda geografia, a terra inteira é *rock n’ roll mcdonalds* ou como define sociólogo e escritor brasileiro Gilberto Felisberto Vasconcellos, “o capitalismo monopolista é televisivo desde 1945 data em que surgiram a televisão, o dólar como moeda internacional e a bomba atômica”, ou seja o capitalismo de monopólio videofinanceiro se expressa nessas três esferas de dominação (1) psíquica, (2) financeira, e (3) bélica. Como civilização, somos obrigados a acreditar em um mercado global como um fenômeno natural e inevitável. Estamos falando aqui do mapeamento do mundo, de todo espaço da terra tornado propriedade privada. Essa é a contradição: o sistema social que produz abundância, produz também pobreza, e aliena seus membros do paraíso de sua própria produção.

Marcuse traça um percurso de formação ideológica que transita do liberalismo clássico (com o sujeito transcendental kantiano) ao fascismo (o *realismo-heróico-popular*⁹). São 400 anos de educação para aceitação dessa não-liberdade e para a omissão e recalçamento de nossas relações de servidão. O socialismo é sistematicamente impedido na *sociedade de pós-escassez hiperglobalização e produtividade* no qual conseguimos produzir mais do que somos capazes de consumir como civilização e espécie, de modo que nosso modo de produção social agora nos leva ao colapso ambiental, o último estágio das relações de destruição que marcham em direção à Morte. E persiste o sintoma social do contrato traído das promessas burguesas nunca efetivadas de liberdade, igualdade e fraternidade acima das quais foram edificadas as desculpas da exploração escravagista, a colonização e o imperialismo. O bolo cresceu e ninguém comeu, não choveu nos pobres. Nós somos esses monstros: o indivíduo dentro do Estado e do Mercado, esse ser de liberdade e igualdade puramente formal perante a Lei, apenas livres e iguais em suas formas kantianas transcendentais. Mas o corpo sente tudo e faz sintoma, o sintoma não é apenas histórico mas também histórico, essas pequenas mensagens codificadas registradas no corpo (a sede da não-liberdade). O corpo é o registro do mais-sofrimento na terra da pós-escassez. Como assinala toda a obra da escola de Frankfurt existem apenas duas vias sociais: o socialismo ou o fascismo, vivemos a emancipação humana ou sob a tirania do valor de troca: absolutamente toda relação social mediada pela forma mercadoria. A forma mercadoria é a forma fetichista que só realiza seu valor de uso em sua troca. O mundo inteiro sob totalitarismo econômico. O capitalismo em seu estágio tardio de monopólio é a pulsão de morte reificado em um sistema social de produção. O fascismo é a estética. É uma compulsão repetitiva que ignora os limites da forma material.

Como alerta Adorno, disposições psicológicas não causam o fascismo, o fascismo explora uma área psicológica por razões de interesses não psicológicos. (ADORNO, 2015, p. 186) O que o fascismo oferece é um espaço de fácil resolução de uma dinâmica pulsional atizada pela indústria cultural através da criação de bodes expiatórios ou corpo-espacos de descarga, ou seja, uma resolução simplificada para a não liberdade recalcada na consciência, mas registrada no corpo na forma de sofrimento. Mal-estar é uma categoria social e antropológica freudiana que tem gênese histórica, um resultado do esquitejamento psíquico do processo civilizatório que molda e instrumentaliza a subjetividade e libido do homem para a reprodução de um sistema social de produção. A grande diferença entre o pensamento de Freud vs. Lacan é o diferencial entre o superego moderno e repressivo (da família tradicional burguesa heteronormativa) vs. o super-ego pós-moderno do imperativo ao gozo obtuso e pornográfico (da instrumentalização de toda sexualidade a serviço do capital em forma de dessublimação repressiva). “Os impasses da “dessublimação repressiva” resume a confrontação da escola de Frankfurt (a ‘teoria crítica’ da sociedade) com o fascismo, isto é, a maneira como a ‘teoria crítica’ procurou apreender os paradoxos do gozar totalitário por meio da nossa dessublimação repressiva.” (ZIZEK, 1992, p. 7). Ou seja:

“A relativa autonomia do eu repousava em seu papel mediador entre o isso (a substância libidinal não-sublimada) e o superego (a “repressão” social, as demandas do meio social que exercem pressão sobre o indivíduo); pois bem, a ‘dessublimação repressiva’ pode prescindir desse meio de ‘síntese’ que é o eu ‘autônomo’: trata-se de uma ‘dessublimação’ em que o eu ‘regreda ao inconsciente, toma-se automático’

⁹ A passagem para o realismo-heróico-popular se dá na passagem do capitalismo industrial para o capitalismo monopolista (que enterra esse ideal de cultura afirmativa baseadas nos valores da alma), que também preconiza a fase propriamente irracional do liberalismo. Tal passagem vem da necessidade de uma total mobilização do indivíduo, aqui a burguesia entra em conflito com sua própria cultura, pois a mobilização total na era do capitalismo monopolista é incompatível com os aspectos progressistas da cultura centrada na ideia de personalidade. Dessa forma, a passagem para o realismo-heróico-popular inicia o processo da auto-abolição da cultura afirmativa. O realismo-heróico-popular pode ser caracterizado como (1) a apresentação heroica do homem (o homem de plena e pura ação), e (2) uma filosofia de vida sustentada por uma visão não teórica do universalismo, naturalismo e existencialismo. Podemos resumir essa segunda característica como a aceitação da vida como um dado primordial “que escapa a toda fundamentação, justificativa e finalidade.” (MARCUSE, 1997, p. 48). Como diz Marcuse, o poder propriamente “formador da história”, assume uma visão antirracionalista e antimaterialista da história. “A interpretação que remete do acontecimento histórico-social a um acontecimento natural-orgânico retrocede para aquém das forças efetivas (econômicas e sociais) da história até a esfera da natureza eterna e imutável.” (MARCUSE, 1997 p. 49). O *volk* (povo), na teoria política, funciona como a “representação real desse todo, como uma unidade e um todo que são essencialmente “natural-orgânicos”, pre-existindo a qualquer diferenciação da sociedade de classes, grupos de interesse, etc. - tese mediante a qual o universalismo torna a se vincular ao naturalismo.” (MARCUSE, 1997, p. 50)

(Marcuse), perde sua autonomia mediadora-reflexiva, mas esse mesmo tipo de comportamento 'regressivo', compulsivo, irrefletido, 'automático', supostamente característico do isso, já serve à 'repressão' e corresponde às demandas do supereu, muito longe de nos 'libertar' das exigências da ordem social existente — as forças dominantes da 'repressão' social exercem sua influência 'manipulatória' sobre os próprios potenciais pulsionais. A situação tradicional do sujeito burguês liberal, que recalca, por meio de sua 'lei interna', seus impulsos inconscientes, que tenta dominar, por meio do autodomínio, sua própria 'espontaneidade' pulsional, sofre uma inversão, na medida em que a instância do controle social não mais assume a forma de uma 'lei' ou de uma 'proibição' interna que exige a renúncia, o autodomínio etc, mas, antes, assume a forma de uma instância 'hipnótica' que inflige uma atitude de 'se deixar levar pela correnteza', e cuja ordem se reduz a um 'Goza!' — o próprio Adorno já o disse —, à imposição de um gozo obtuso ditado pelo meio social [...]” (ZIZEK, 1992, p.21)

Estamos aqui diante da clássica questão da escola de Frankfurt de por que tendemos ao fascismo em vez do socialismo quando em condições econômicas e sociais precárias. Mas, *por que escrever sobre o que já foi escrito? Qual a importância dos estudos de Adorno e de Marcuse em nossos tempos? Podemos dizer que os estudos do Adorno e do Marcuse sobre o padrão freudiano da propaganda fascista estão desatualizados em relação ao nosso tempo? Ou ainda é cabível e se é cabível, por quê?*

Atualmente existem pelo menos 530 núcleos neonazistas no Brasil, tendo um crescimento de 270% de janeiro de 2019 a maio de 2021, diz a pesquisa de antropóloga Adriana Dias que vem mapeando a extrema-direita no Brasil desde 2002.

Não há como analisar a base psicológica da ascensão do fascismo na conjuntura global sem um estudo interdisciplinar que explore a relação entre a personalidade autoritária e a indústria cultural. Esses conceitos são essenciais para entender o apelo psicológico do fascismo numa tentativa de desmistificar e combater o clichê Le Boniano ou a redução do fenômeno de massa a um inerente instinto de rebanho que torna indivíduos suscetíveis a um suposto encanto de um líder quando reunidos em uma massa. Em 1921 Freud já combatia esse lugar-comum em seu texto "Psicologia das Massas e Análise do Eu". Além disso, o conceito de "mais-valia ideológica", cunhado pelo Ludovico Silva, também é fundamental na crítica da indústria cultural e seu papel na ascensão da ideologia fascista, levando em consideração também aqui os modos ou vias de divulgação cultural, ou seja; tecnologias de radiodifusão e comunicação de massa.

Adorno identifica que o fascismo é uma função dos consumidores, um palco de descarga de uma dinâmica pulsional atizada pela indústria cultural na formação do sujeito no capitalismo tardio. (ADORNO, 2015, p. 184 - 186) O fascismo é o último recurso do capitalismo (liberal e agora neoliberal) em defesa da propriedade privada, e na supressão de revoltas trabalhistas. Ou em outras palavras, as liberdades e direitos formais burgueses são suprimidos em defesa da propriedade privada ou mesmo (especialmente se referindo a latitude colonizada) é um regime necessário para o avanço das reformas violentas do capitalismo em sua forma neoliberal e monopolista. O liberalismo é conveniente ao fascismo, o que ataca no liberalismo é o seu multiculturalismo (um perigo para o *volk*, o povo, sangue e terra), mas não ataca a sua estrutura (a hierarquia, a burguesia desempenha uma função). (MARCUSE, 1997, p.49 e p.58) *Os membros servem o Todo* é a tese básica do *realismo-heróico-popular*: uma unidade que supostamente combina todas as classes, que supera a realidade da luta de classes, e da noção de classe em si. Ou seja: uma sociedade sem classes, com base e dentro da estrutura da sociedade de classes existente. Pois, essa marca de universalismo não ambiciona a eliminação da estrutura econômica que é a fonte da luta de classes e a da existência das mesmas. (MARCUSE, 1997, p.53) Trata-se de um igualitarismo repressivo, não baseado numa verdadeira igualdade através da abolição da repressão. Esse “espírito coletivo” se baseia na ideia de inveja original na “horda fraterna”: “justiça social significa que cada um, recusa muito a si, para que os outros também tenham que abdicar igualmente, ou, o que é o mesmo, não possam exigir-lo.” (FREUD, 2011, p.82)

A propaganda fascista é essencialmente psicológica de uma irracionalidade planejada e assemelha-se aos mecanismos da indústria cultural ou da indústria ideológica como uma forma de “psicanálise ao contrário”. Ela não tem plataforma ou plano claro (nenhum programa positivo) porque como o totalitarismo não conhece limites, qualquer plataforma clara seria uma limitação. Tudo o que promete é o sacrifício. Também fala do “avivamento”: “O fim é ‘que nós possamos demonstrar ao mundo que existem patriotas, homens e mulheres cristãos tementes a Deus, que ainda estão dispostos a dar suas vidas à causa de Deus, ao lar e à pátria” (ADORNO, 2015, p. 140). Dito isto, não significa absolutamente que não sirva a poderosos interesses

econômicos e políticos (especialmente aqueles de privatização e monopolização). “O Estado total autoritário fornece a organização e a teoria social que correspondem ao estágio monopolista do capitalismo”. (MARCUSE, 1997, p. 61) Não é mero hipnotismo em massa. Há uma gratificação narcísica advinda do ritual fascista de revelação que visa estabelecer a identificação entre o líder e os seguidores. Os seguidores vivem vicariamente através da falta de inibições do líder. Um líder instrumentaliza sua patologia que é a mesma patologia de muitos. (ADORNO, 2015, p.181-182)

Queremos acreditar sermos livres, apesar de não sermos. Resistimos e represamos a consciência fundamental de nosso modo de produção enquanto fator determinante de nossa organização social, produção cultural e da formação da subjetividade. Como se existisse algo além do trabalho, da escola, do exército, da igreja e da TV—como se toda terra já não tivesse dono, e não fosse ainda engolida por esse modelo de organização econômico social que se reverbera e se justifica em tudo, até em nossa (não)consciência. “A consciência é falsa na medida em que acredita autodeterminar-se—“a consciência é sempre algo determinado por outra coisa”. (MARX, 1982, p. 25)

A razão pela qual indivíduos libertados por mais de quatrocentos anos marcharem em prol do Estado total autoritário se deve em grande parte, aponta Marcuse, à cultura afirmativa. A educação extensiva para a “liberdade interior” (independente da jaula exterior), está em andamento desde Lutero, até o momento de agora (para Marcuse, 1937 no auge da difusão da ideologia nazifascista), no qual a mesma se anula e se volta para uma não-liberdade exterior, revelando assim, seu fruto de escolha. (MARCUSE, 1997, p. 123-125)

3. O DESAMPARO E A FORMAÇÃO DO EU

O ser humano é biologicamente social devido a sua fisiologia desamparada e dependente. O Eu precisa ser formado.

O processo de formação do *Eu* depende da sensorialidade¹⁰, ou do sentido que se dá aos sentidos que se sente—começa por volta dos 5 meses no útero da mãe com o desenvolvimento do ouvido e a possibilidade de perceber as vibrações sonoras, e se estende até por volta de um ano e três meses de idade. Sua inserção na linguagem é paulatina até que se torna possível referir a si mesmo como um “Eu”.

A função do *Eu* é a do discernimento entre o que é si mesmo, o que é objeto e o que é mundo: entre o interno e o externo. É a dança narcísica da busca da realização do *Eu em potência* através da conquista ou do consumo do objeto que se encontra fora do *Eu*, cujas qualidades almejo ter em meu interior. Nos deparamos com uma imediata confusão e dificuldade perante essa tarefa de discernimento: a velha máxima Kantiana da subjetividade como o único portal de acesso ao mundo exterior. Não consigo sair de mim para buscar o outro, ou em outras palavras: só consigo acessar o outro atravessando a mim mesma—minha experiência do mundo é sempre já intermediada e simbolizada.

A princípio, para o bebê não há uma clara demarcação entre o *Eu* e o não-eu, ele apreende isso através de estímulos diversos. Um grande incentivo para essa demarcação entre o *Eu* e o mundo externo são as sensações de prazer que buscam o princípio de prazer, e a dor e desprazer que o mesmo busca evitar ou eliminar. Acontece que algumas coisas às quais não se gostaria de renunciar por darem prazer não são *Eu*, são objeto, e algumas coisas que gostaria de evitar por causarem desprazer são *Eu*, são moções pulsionais. (FREUD, 2011, p. 10 e 11)

A experiência do filhote humano é de dependência, de desamparo—aí está a *fons et origo* de todas as necessidades religiosas, diz Freud no Mal-Estar na Civilização. Nascemos prematuros ou fisiologicamente insuficientes. A experiência de si em primeira pessoa é fragmentária, a natureza primordial do sujeito é psicologicamente rachado e fisicamente descoordenado—permanentemente incompleto. Depois vem a fase do espelho.

A magia também está no imago. É-se transformado pela aparência de unidade da imagem, do reflexo. Se olha para fora, para o espelho, para o ser que aparece inteiro ou completo como um *Gestalt*—a imagem de totalidade ou figura-fundo—que não corresponde à experiência que tenho de mim mesmo, então se transforma em algo que trabalho sempre em direção a...o *Eu ideal*.

Lacan posiciona a fase do espelho como formadora da função do *Eu*: precisa identificar-se com uma "auto"-imagem (um *Eu* especular) para então poder tomar o Outro como modelo ou meta. O ser não linca-se simplesmente à sua "auto"-imagem, é transformado—de certa forma assombrado—pela mesma. A relação é de

¹⁰ Tão importante quanto apreender o mundo pelos sentidos é regular a entrada dos sentidos, o *Eu* funciona também como um sistema tampão.

falta, não de correspondência ou reconhecimento imediato. “A função do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade - ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*.” (LACAN, 1996, p.100)

Deste processo ficam vestígios, o conhecimento paranoico de que o *Eu* é uma *Outro*. A alteridade da imagem assumida como própria no estágio do espelho cria uma dimensão negativa na existência do ser—nunca consigo ser plenamente *Eu*, pois a relação do meu *Eu*, com meu ser, entra em cena através da relação com uma imagem que não sou eu, que aparece como *Gestalt*, como esse ideal (não)alcançável. É-se literalmente assombrado pela aparência e perspectiva de unidade.

Na transição da fase do espelho para o complexo de Édipo, o *Eu* especular abre espaço para o *Eu* social, ocorre a substituição da identificação com o *Eu ideal* para a identificação com o *ideal do Eu*, introjetado por normas, convenções e expectativas culturais, e o *superego*¹¹ ao qual atribuímos as funções de “auto-observação, da consciência moral (que não se difere da moral obscena), da censura onírica e a principal influência no recalçamento”—dando assim passagem para o narcisismo secundário. Aqui entram em cena os *ídolos* ou os *líderes*: de Papai de aqui de casa, à Jesus de Nazaré, à *Madonna de Roliúde*, à Bolsonaro de *Brazil*. O objeto “é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio *Eu*, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo.” (FREUD, 2011, p. 71)

4. IDENTIFICAÇÃO, ENAMORAMENTO, IDOLATRIA E HIPNOSE

Pausamos para uma breve conceituação e discernimento entre termos-chave para nossa discussão. Sabemos através de Freud que o “mecanismo que transforma a libido em vínculo entre o líder e seus seguidores, e entre os seguidores eles mesmos, é o da identificação.” (ADORNO, 2015, p. 166). A doutrina de identificação e do seu extremo, o enamoramento é essencial tanto para a eficácia da indústria cultural em seu projeto imperialista, quanto da propaganda fascista em seu projeto suicida. Adorno ressalta que não foi por acaso que Freud tenha virado seu foco para o narcisismo e os problemas do *Eu* pelo final da Primeira Guerra Mundial. (ADORNO, 2015, p.157)

“A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo.” (FREUD, 2011, p. 60). Considerando o aspecto “primitivamente narcísico da identificação com o ato de *devorar*, de tornar o objeto amado uma parte de si mesmo” (ADORNO, 2015, p. 168), conseguimos entender a imagem moderna de líder como “o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito” que resulta em seu empobrecimento. Assinalamos aqui a diferença entre a identificação e o enamoramento/idealização: enquanto no primeiro caso, o eu se enriquece ao “introjetar” em si propriedades do objeto (que resulta então no abandono do objeto), no segundo caso o eu está empobrecido, se entrega ao objeto e o coloca no lugar de seu componente mais importante: *o objeto é colocado no lugar do eu ou do ideal do eu*: “A imagem do líder gratifica o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade”. (ADORNO, 2015, p. 172)

Do enamoramento à hipnose. Na relação hipnótica há uma formação de massa a dois, há um ingrediente de “paralisia que vem da relação entre alguém muito poderoso e um impotente e desamparado”. (FREUD, 2011, p. 75) “O hipnotizador afirma estar de posse de um poder misterioso, que rouba ao sujeito a vontade própria [...]” (FREUD, 2011, p. 88). Na hipnose, a ordem de dormir “não significa outra coisa senão o convite a retirar todo o interesse do mundo e concentrá-lo na pessoa do hipnotizador [...]”. (FREUD, 2011, p. 90) O hipnotizador desperta no sujeito uma herança arcaica —“uma regressão dos indivíduos à relação entre a horda primitiva e o pai primitivo” (ADORNO, 2015, p. 188): “[...] a ideia de uma personalidade muito potente e perigosa, ante a qual só se podia ter uma atitude passiva-masquista, à qual a vontade tinha que se render [...]” (FREUD, 2011, p. 91), ou seja, “O pai primevo é o ideal da massa, que domina o *Eu* no lugar do ideal do *Eu*”. (FREUD, 2011, p. 91)

5. PSICANÁLISE AO CONTRÁRIO¹²

¹¹ “O superego é o herdeiro do complexo de Édipo”. (FREUD, 2011)

¹² Uma expressão de Leo Lowenthal citada por Adorno (1959, p.23), “segundo a qual a missão da televisão pode ser definida como “psicanálise ao contrário”.

Em “*Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*” Adorno discorre acerca da base psicológica da massa fascista ou as condições *sociopsicológicas* que possibilitam o Estado total-autoritário. Ele também caracteriza o modelo da propaganda fascista, e seus dispositivos propagandistas¹³.

Adorno utiliza principalmente dois textos de Freud como base de sua pesquisa: “Psicanálise das Massas e Análise do Eu” e “Mal-Estar na Civilização”. Ao final do texto em questão, ele chega a uma pergunta fundamental: “*por que a psicologia aplicada de massa discutida aqui é mais peculiar ao fascismo do que à maioria de outros movimentos que buscam apoios de massa?*”

Adorno explica: como as metas objetivas do fascismo são irracionais, não seria possível conquistar as massas por argumentos racionais, assim, a propaganda fascista procura “conquistar as pessoas trabalhando com seus mecanismos inconscientes, e não apresentando ideias e argumentos.” (ADORNO, 2015, p. 138) A propaganda fascista raramente se ocupa com questões políticas concretas e tangíveis, não apresenta um projeto positivo, além da promessa do “assassinato sacrificial do inimigo escolhido”¹⁴. O que não significa que o fascismo não serve a interesses políticos e econômicos, pelo contrário, o agitador fascista serve como “mandatário de poderosos interesses econômicos e políticos”. (ADORNO, 2015, p. 185-186)

Mas como que o líder ou agitador fascista faz isso? Onde obteve o conhecimento desses mecanismos elaborados na Psicologia de Massas de Freud? Como a leitura de “Mein Kampf” não é o suficiente para o conhecimento teórico da psicologia de massas, além do emprego de alguns *clichês* *Le Bonianos*, Adorno procura outras fontes que não sejam a erudição “para o domínio fascista de técnicas psicológicas de manipulação de massa.” (ADORNO, 2015, p. 181)

A fonte mais importante para entendermos a aparente astúcia do líder fascista é o mecanismo de identificação. “O líder pode adivinhar as necessidades e desejos psicológicos daqueles suscetíveis a sua propaganda porque se assemelha a eles psicologicamente. A distinção entre eles reside mais na capacidade de o primeiro expressar sem inibições o que neles está latente, do que em algum tipo de superioridade intrínseca.” (ADORNO, 2015, p. 181) Assim, tudo que o líder precisa fazer “para a psicologia da sua audiência funcionar é explorar astuciosamente sua própria psicologia”. (ADORNO, 2015, p. 182) O líder apenas executa o ritual de expressar o que seus seguidores já pensam: “objetivando bem sintonizar com as disposições inconscientes de sua audiência, o agitador por assim dizer vira para fora seu inconsciente”. A partir daí, conseguimos entender a ponte entre a propaganda fascista, e a indústria ideológica, como formas de “**psicanálise ao contrário**”. A efetividade da propaganda fascista “é uma função psicológica dos consumidores”.

“Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade, em vez de se colocar metas cuja realização transcenderia o *status quo* psicológico não menos que o social. A **propaganda fascista precisa apenas reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos** - ela não precisa induzir uma mudança -, e a **repetição compulsiva, que é uma de suas características mais importantes,**

¹³ Dispositivos psicológicos (30 formulas, i.e., o pequeno grande outro): guia de iniciantes para a fala anacoluta e propagandista: (1) prazer de bisbilhotar, (2) propaganda como realização do desejo, (3) falta de propostas concretas, (4) glorificação da ação, (5) substituir fins pelos meios, (6) relação entre premissas e inferências é substituído por vínculos de ideias baseadas na mera similaridade, (7) verossimilhança vs. verdade, (8) criação de um Outro, (9) inimigo estereotipado, (10) uso calculado e intencional de sua própria patologia, (11) se permite ter comportamento histérico e/ou obsceno, faz o que os seguidores queriam poder fazer/falar, mas são inibidos, (12) fetichização da realidade estabelecida e as relações de poder estabelecidas / sacralizar e positivar a realidade, (13) *performance* ritualística. Há uma realização de desejo na propaganda fascista de cunho perverso: a propaganda fascista tem uma preocupação excessiva com a penetração (“proteção”) do universo sexual infantil, obcecados com o controle dos corpos infantis e da mulher. Uma grande parte da gratificação da propaganda fascista vem da *realização de desejo* por via de fantasias obscenas referindo-se ao inimigo ou o Outro escolhido para eliminação em nome da Pureza e da Moralidade (para preservar os Bons Costumes, a Família, e a Nação). O inimigo escolhido é apresentado como um PERIGO para as crianças e mulheres propriedades do pai. A fantasia fascista é voyeurística e perversa.

¹⁴ Essa formação endogrupal (*in-group*) pode culminar em dois efeitos brutais: (1) uma forma perversa de igualdade baseada no sacrifício de direitos para que o exogrupo (*out-group*) não possa nem reivindicá-los, e (e) um projeto de “higienização” social que invariavelmente exige um sacrifício em forma ritual. Seja por meios sociais ou físicos—através da cultura de cancelamento ou da cultura de genocídio, a *necropolítica* alicerçada na criação de bodes expiatórios, designados recipientes (depósitos) de toda frustração social, um *corpoespaço* de descarga.

irá se coordenar com a necessidade por sua reprodução contínua. (...)
(ADORNO, 2015, p.184 - 186)

Adorno destaca que para Freud, “o conceito de psicologia é essencialmente negativo.” (ADORNO, 2015, p.187). Ele segue:

“Ele definiu o âmbito da psicologia pela supremacia do inconsciente e postula que o isso deve se tornar eu. A emancipação do homem em relação às leis heterônomas de seu inconsciente seria equivalente à abolição de sua “psicologia”. **O fascismo impele a essa abolição no sentido oposto, por meio da perpetuação da dependência em vez da realização da potencial liberdade, através da expropriação do inconsciente pelo controle social**, em vez de tornar os sujeitos conscientes de seu inconsciente. Isso porque, enquanto a psicologia sempre denota algum aprisionamento do indivíduo, ela também pressupõe liberdade no sentido de certa autossuficiência e autonomia do indivíduo”. (ADORNO, 2015, p.187)

A propaganda é um *blitz* a serviço do capital. Ela é exercida permanentemente, não só em períodos eleitorais. Ela é a voz do totalitarismo econômico. Toda propaganda é uma deformação da realidade. De acordo com a teoria da Escola de Frankfurt, a existência do voto e da opinião individual torna-se falseada ou torna-se falsidade em um mundo organizado pela propaganda e marketing. *Deus é a forma mercadoriana na base de tudo*. A publicidade do ponto de vista semiológico é fascista. É nesse aspecto que o conceito de *manipulação* ganha relevo na cultura. O líder fascista:

“(…) procura conquistar as pessoas trabalhando com seus mecanismos inconscientes, e não apresentando ideias e argumentos. A técnica oratória dos demagogos fascistas tem uma natureza astuciosamente **ilógica e pseudo-emocional**, mas não é só; mais do que isso, programas políticos positivos, postulados ou qualquer outra ideia política concreta desempenham um papel menor em comparação com os estímulos psicológicos aplicados à audiência. **É partindo desses estímulos e outras informações, mais do que das plataformas confusas de seus discursos, que podemos identificá-los como sendo fascistas.**” (ADORNO, 2015, p.138).

A maior chave de análise de Adorno acerca da performance fascista é o seu quadro propriamente de *performance*, de fingimento ou de **phoniness** que se aplica tanto aos líderes quanto ao ato de identificação por parte das massas, e a sua suposta “*frenesi e histeria*”. As massas não acreditam seriamente que os judeus são o diabo, não acreditam e nem se identificam realmente com o líder, mas encenam essa identificação, encenam seu entusiasmo, e dessa forma compartilham o palco com o líder.

Assim, o que acontece quando as massas são subjugadas pela propaganda fascista não é “uma expressão primária e espontânea de pulsões e demandas, mas uma revitalização *quasi-científica* de sua psicologia.” (ADORNO, 2015, p.186)

“Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas.” (ADORNO, 2015, p. 186)

O herói, o homem de ação deve apenas agir em um mundo permanente, e não parar, não parar por um instante, se não o solo sob qual pisa evapora. Freud aponta a esse elemento de “falsidade” quando discute a hipnose como “uma regressão dos indivíduos à relação entre a horda primitiva e o pai primitivo”: a hipnose é apenas um jogo. Um jogo que foi socializado. Assim:

“é através dessa encenação que eles (a massa) atingem um equilíbrio entre seus ímpetos pulsionais continuamente mobilizados e o estágio histórico de esclarecimento que elas alcançaram e que não pode ser revogado arbitrariamente. É provavelmente a suspeita desse caráter fictício de sua própria “psicologia de massa” que torna as multidões fascistas tão impiedosas e inalcançáveis. **Se elas**

parassem para refletir por um segundo, toda a encenação se despedaçaria e elas entrariam em pânico.” (ADORNO, 2015, p. 188)

A lição do “totalitarismo” contemporâneo até a “sociedade do consumo” consiste em que os “impulsos arcaicos triunfantes, a vitória do isso sobre o eu, vivem em harmonia com o triunfo da sociedade sobre o indivíduo”. (ADORNO, 2015, p. 133).

6. A SEGUNDA NATUREZA

O valor está na relação¹⁵—o fetichismo¹⁶ procura apagar essa verdade e naturalizar o que é história, cristalizada como segunda natureza. Pois, não é possível conceber uma natureza pura ou não mediada: toda pulsão é mediada socialmente de modo que sua dimensão natural jamais aparece de imediato, mas sempre já mediada e simbolizada pela sociedade. Assim, a coerção pulsional é um resultado reificado, “naturalizado” do processo histórico.

“Os fatores subindividuais e pré-individuais que determinam o indivíduo pertencem ao domínio do arcaico e do biológico: ora, a questão que se trata não é a natureza pura. Trata-se antes, de uma segunda natureza: da história cristalizada como natureza. O discernimento entre a segunda natureza e a natureza, desconhecido na maioria das reflexões sociais, constitui um fator decisivo para a teoria crítica. O que cria no indivíduo sua segunda natureza é apenas a história acumulada e sedimentada: uma história entorpecida, por ter sido tão prolongadamente não liberada e uniformemente opressiva. A segunda natureza ou a história, é a história cristalizada que se afigura como natureza.” (JACOBY, 1975, p.46 apud ZIZEK, 1992, p. 13)

“A “segunda natureza” é a testemunha petrificada do preço pago pelo “progresso cultural”, a “barbárie” interna a própria cultura.” (ZIZEK, 1992, p.14) A sociedade não é meramente regulativa, ela também é constitutiva do ser. Mas não seremos seduzidos pela tentação de sociologizar a psicanálise, não podemos eliminar a contradição ou o conflito fundamental entre o individual e o social, o particular e o histórico, pois a contradição teórica é “um índice da contradição social efetiva”. Não há como atenuar a “tensão fundamental e irreduzível entre o eu, estruturado de acordo com valores sociais, e os impulsos inconscientes que se opõem—tensão que confere à teoria freudiana seu potencial crítico.” (ZIZEK, 1992, p.14) A teoria crítica:

“toma Freud por um pensador não-ideológico, e por um teórico das contradições, a saber das contradições que seus sucessores tentam se esquivar e que tentam mascarar. Nesse sentido, Freud foi um pensador burguês “clássico”, enquanto os revisionistas foram ideólogos “clássicos”. “A grandeza de Freud” escreveu Adorno, “consiste, como em todos os pensadores burgueses radicais, em deixar não resolvidas essas contradições e em recusar a pretensão à harmonia sistemática, ali onde a própria coisa é dividida. Ele descobriu o caráter antagônico da realidade

¹⁵ O significado está na relação—por isso nossas sociedades de classe, sociedades cujas relações de produção são predicadas na opressão e expropriação da vida—sociedades cuja segurança, prosperidade e satisfação dependem da exploração daqueles designados como servientes pelo destino e do sacrifício sacral daqueles escolhidos como inimigos da mesma—estão obcecados com a ideia de harmonia, de equilíbrio, de ordem e de eternidade. A ordem é a santidade, é a luz, é o progresso, e toda figura de caos, de desordem, de revolução é o capeta. “O Diabo seria o melhor expediente para desculpar Deus, teria a mesma função econômica de descarga que têm os judeus no mundo do ideal ariano” (FREUD p. 66 (Mal-Estar na Civilização). Nossas exigências são as de ordem e de normalidade. Acima de tudo e de todos, está a forma mercadoria. A pandemia de COVID-19 foi a prova acima de tudo de que a vida não deve interferir na economia.

¹⁶ “O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais.(...) a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não guardam nenhuma relação com sua natureza física. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.” (MARX, 2017, p.148)

social." (JACOBY, 1975, p.43 apud ZIZEK, 1992, p. 17).

Dessa forma, "a psicanálise é a teoria da sociedade sem liberdade, que necessita dela como terapia". (JACOBY, 1975, p.136 e 138 apud ZIZEK, 1992, p. 20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDEOLOGIA E COMPULSÃO À REPETIÇÃO

A ideologia não é esta ou aquela. **A ideologia é totalitária enquanto expressão (*Ausdruck*) do nosso modo de produção.** (SILVA, 2013, p.150) É a completa fetichização do mundo e a apresentação do mesmo como um grande mercado de mercadorias. É a mistificação da natureza e das massas, a proclamação de um indivíduo que supostamente se auto-gera, para o qual não existe sociedade.

O *modus operandi* dessa sociedade é a produtividade sob domínio da **razão instrumental**, que se torna sinônimo de impulso de morte ao ignorar os limites da matéria. Produzimos para produzir mais-valia, para realizar valor de troca. A tirania do valor de troca nulifica toda invenção humana, não se produz comida para alimentar, remédio para curar, educação para libertar, assim por diante. Nossas relações de produção são verdadeiras relações de destruição. Trata-se da inversão fetichista que coisifica a pessoa, e personifica a coisa:

"o capitalismo enquanto tal, é essencialmente, produtor de miséria e explorador de mais-valia". (SILVA, 2013, p. 156). "Como chamar as relações de produção que hoje contribuem em tantas partes do mundo, por obra e graça da etapa imperialista do capitalismo, a fabricação de um ser humano doente, reprimido, esmagado por um peso ideológico que desconhece, escravizado por uma turba de objetos que consome irracionalmente, vorazmente?" (SILVA, 2013, p. 162).

Como define Mises, o programa do liberalismo se resume na palavra propriedade privada. (MARCUSE, 1997, p.53) Não há como naturalizar a divisão do mundo entre os proprietários e os não-proprietários que não são donos nem de si mesmos que são obrigados a trocarem sua força de trabalho (o dispêndio de seus músculos e neurônios) por equivalente geral e trocar equivalente geral pelas mercadorias que precisam para sobreviver (i.e., mercadoria-comida, mercadoria-moradia, etc). Nosso sofrimento tem uma lógica, mas é desprovido de sentido. O corpo ideológico é mítico e a-histórico: não come, não caga, vem do Eterno e do Nada. O ser além da história sempre foi, mas nunca existiu. Enquanto o corpo aqui da terra, da história, da matéria sente dor e morre, sente fome e sofre. Sofre sem porque, sem necessidade. Quanto mais-sofrimento na terra de pós-escassez. Mais-sofrimento para quê?

*"Mi padre aprendió en la televisión
la manera de morirse sólo
Soñando que sueña
Qué soledad ante la mercancía!"*

(Ludovico Silva)

REFERENCIAS

ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

FREUD, S. (1908) **Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna**. In S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 167-186). Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

———. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. (1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

———. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)**. (1917). In S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

———. **Conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

———. **Além do Princípio de Prazer**. (1920). In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198.

———. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. (1920 - 1923). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

———. **O Ego e o Id**. (1923). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.

———. **Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e outros textos (1926-1929)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

———. **O mal-estar na civilização**. (1930). 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. G1 Globo, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>>. Acesso em: 18 de Julho, 2023.

MARCUSE, H. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1

———. **Eros e civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

———. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

———. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Unesp, 1999.

———. **A noção de progresso à luz da psicanálise**. Em Cultura e psicanálise. São Paulo, Paz e Terra, 2001 [1968].

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1 O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

———. Os Economistas; **Para a Crítica da Economia Política**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SILVA, L. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Insular, 2013.

ZIZEK, S. **Como Marx inventou o sintoma?** In: ZIZEK, S. (org.). Um mapa da ideologia Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

———. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.